

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 410

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Pregos: Braga, anno 1,600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,400 rs e sendo duas 4,800 rs.—Semestre 1,250 rs.—Brazil, anno 4,400 rs.—Semestre 2,200 rs. moeda forte, ou 10,500 reis e 5,500 reis moeda fraca.—Annuncios per linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 19 DE OUTUBRO

Ainda os «Lazaristas».

II

A QUEM É FEITA A GUERRA?

[Continuação]

«Nada pôde haver n'este mundo digno da affeição do homem, todo o trabalho é inutil, toda a esperanza mentirosa, toda a perfeição absurda».

Nada ha digno da affeição do homem! E diz-se isto da religião christã, que, reunido n'uma só lei toda a sua doutrina, manda que nos amemos uns aos outros!

«Todo o trabalho é inutil».

Confesso não perceber o que refere o sr. Fonseca. Todo o trabalho é inutil! Que trabalho? O manual? O intellectual? E' a primeira vez que ouço dizer que a nossa religião condemna o trabalho por inutil! O trabalho, quer manual, quer intellectual foi sempre uma virtude para os christãos, sr. Fonseca!

«Toda a esperanza mentirosa, toda a perfeição absurda».

A esperanza em coisas d'este mundo é de sua natureza mentirosa. A perfeição se não é absurda, se effectivamente pôde existir, é efemera. Indique-me o sr. Fonseca que coisa perfeita viu que o passar dos annos não anniquilasse, ou que perfeição existe que possa desahar a acção lenta mas destruidora do tempo? Cidades magnificas, primores d'arte que maravilham o mundo, mal se lhe encontram hoje os vestigios, admiraveis ainda, porque a imaginação os reveste de parte dos passados esplendores. Sublimes confeções do espirito humano, quantas se tem perdido totalmente, sem que ao sabio seja permitido encontrar-lhe nem mesmo os vestigios? O homem, o rei da criação,

que por mais d'uma vez, imitando o anjo rebelde, tem ousado levantar a face altiva ante o seu creador, cae ámanhã, fulminado pela lei fatal da destruição e re-duz-se a pó que o vento arrebatava e espalha nos ares.

O filosofo christão considera-se n'este mundo em viagem. Para um momento a contemplar e admirar as bellas que encontra no caminho, mas não se prende a ellas, porque sabe que na sua patria vai encontrar a maior de todas bellas e perfeições—a que não pôde perecer—a face do Senhor!

«Deus volveu a sua face do rei da criação e condemnou-o aos abrolhos das penas infecundas, ao perpetuo desalento do exilio».

Creio já ter demonstrado ao sr. Fonseca que para o christão não ha nem perpetuo desalento nem exilio.

«Transformado assim o ideal de todas as religioes n'um tiranno cruel, n'um despota caprichoso, é claro que todos os dogmas e preceitos, toda a disciplina e rito que deriva de tal religião, em vez de encaminhar livremente o homem para o futuro da sua perfectibilidade, prende-o ao poste da turtura, á gehena da escravidão».

Torno a perguntar ao sr. Fonseca: —Então o homem é perfeito ou não? Em que ficamos? Se o homem não é perfeito faz a religião christã ideia exactissima do principio creador e justo, da omnipotencia e da omnisciencia divina, porque a Deus não podia agradar uma coisa imperfecta. Se é perfeito, que quer o sr. Fonseca dizer com as suas aspirações a um futuro de perfectibilidade, que nem mesmo define?

Atenção aos seguintes paragrafos, que são commentos, por já ter respondido á parte essencial d'elles. Desculpe-me a transcrição. Repetam-me taes blasfemias, mas torna-se necessario tornar bem claro,

seus conhecimentos nauticos, antes de se descobrir o uso da agulha de marear. Nós temos na nossa historia muitos exemplos de factos assim succedidos. Pedro Alvares Cabral não descobriu as terras de Santa Cruz senão fosse ali arrojado por uma tempestade, que lhe sobreveio em alto mar. Sabido é tambem que a primeira origem do descobrimento das Indias Occidentaes feito pelos fins do seculo decimo quinto foi devida a uma tempestade, que arrojou aquellas partes o piloto biscaíno chamado Andaluza, o qual morrendo depois nos braços do famoso Colombo lhe pagou a caridade da hospedagem com a noticia bem regulada d'aquellas paragens, a cujo descobrimento elle se abalançou depois com feliz successo.

Segunda. Pôde dizer-se tambem, que os antigos conheceram e usaram da agulha de marear, e porisso a sua invenção é attribuida com bastante fundamento aos phenicios, muito dextros e experimentados na navegação das costas, e d'estas se abalançaram a maiores empresas até virem a fundar colonias na Grecia. Mas depois perdida e ignorada por muitos seculos esta arte, foi restituída de novo ao mundo, crendo-se ser invenção nova o que só foi recuperação. Nesta segunda resposta, que damos, nada ha que seja anti-racional; pois de muitas artes temos conhecimento, que foram usadas nos tempos mais remotos, e que perdendo-se nos seculos posteriores, foram recobradas nos ultimos tempos. Isto tambem podia succeder com o uso da Agulha de marear, maximè se entre os antigos fôra de poucos conhecido o seu uso, e era guardado como um segredo inviolavel—tal é a tendencia, que nós temos para occultarmos dos extranhos as invenções que nos são uteis!

bem indiscutivel o fim a que visa o sr. Fonseca.

«O catholicismo, exagerando para os seus fins ambiciosos a doutrina de um visionario, de um aborrecido, de um homem singular que soffria na sua grande alma todas as desgraças da sua nação e do seu povo, exagerando a misantropia de Christo, anda ha desoitto seculos a esmagar com a sua cruz de ferro as palpitaciones ardentes da humanidade».

«E' evidente que hoje o catholicismo é apenas uma religião de transição e mais nada».

«Quando ella se apagar na face da terra a luz que se erguer então no horizonte do ideal não hade allumiar decerto uma cruz, nem a cara livida de um monge».

Creio que até mesmo para os mais difficeis de contentar abilitica de sobra com que se prove que a guerra não é feita a lazarisitas jesuitas e irmãs de caridade, mas sim á religião christã. Não se trata pois d'esta ou d'aquella corporação religiosa, trata-se da grande lucta de principios. Não se atacam os lazarisitas porque elles abusam do seu sagrado ministerio, mas porque são os mais denodados campeões do catholicismo e os mais ferrosos recrutadores de soldados para o campo da verdade. E' esta a unica conclusão logica que se pôde tirar de tudo quanto escreveu o sr. Fonseca.

Agrupados os lazarisitas na grande familia catholica, é decerto para elles uma grande gloria, o serem alvo predilecto dos duestos dos inimigos do catholicismo.

E. F.

[Continúa]

A terceira razão indirecta que adduzimos para respondermos ao argumento dos preadamitas, parece-nos de menos peso, e carece até de verdadeira probabilidade. Consiste ella em dizer que os dois continentes não estão em todas as partes divididos por mares, mas antes em alguma parte se communicam por terra. Mas innumeradas relações de viagens maritimas destroem a suspeita de communicação por terra entre os dois continentes.

Nem n'esta razão nós insistimos, porque seria materia de muita proximidade, se sobre ella instituíssemos uma exacta discussão.

A verdade, que concluimos do exposto, é que, se o argumento dos preadamitas adianta alguma coisa, bastam para quebrantar toda a sua força as duas respostas dadas, ou ainda mesmo cada uma de per si.

Já me não quero aqui fazer cargo de resolver outra parte d'esta questão, que diz respeito á passagem dos brutos para a America, como d'ella se occupam alguns escriptores, pois eu considero-a questão de lana caprina, visto que os preadamitas não só negam que o diluvio fosse universal, mas affirmam que só inundou a Judeia, e algumas regiões visinhas, e que por tanto não pereceram os animaes que havia no novo continente e até os do nosso. Que cegueira tão voluntaria, ou antes tão obstinada! Despresam a Sagrada Escripura, aonde está expresso com a maior claresa possivel que o diluvio foi universalissimo, e que as aguas cobriram a superficie de todo o orbe terraqueo...

Mas deixando este ponto, que não é especialidade nossa aqui, como havemos nós hoje analisar e descobrir como se povoou o novo mundo? porventura por

D. CARLOS CONTRA D. AFFONSO

COM ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIREITO DE BELLIGERANCIA DOS CARLISTAS.

pelo general KIRKPATRICK

[Versão do inglez]

(Conclusão)

VI

O reconhecimento da belligerancia Carlista é exigido no interesse da paz da Europa e bem assim pelas conveniencias commerciaes e pelas relações internacionaes das grandes potencias.

Estabeleceu-se um novo poder, que será talvez um perigo permanente para a paz dos Estados Europeos, se a sua existencia não fôr conhecida, e definida as suas relações com os paizes estrangeiros.

A Allemanha por duas vezes invadiu já as aguas hispanholas com os seus navios de guerra, e fez jogar a sua artilheria sobre as povoações hispanholas sob um infundado pretexto, e as suas ameaças de invadir o paiz pela força teriam sido levadas a effecto senão fosse attitude de uma das grandes potencias. Para todas as propostas legaes, não existe em Hispanha o estado de guerra, sem o reconhecimento da belligerancia carlista, e sem que as nações estrangeiras, seus navios e subditos tenham noticia legal de que a guerra actualmente existe n'aquelle paiz; além de que como o governo de D. Affonso não pôde proteger o commercio estrangeiro nas aguas carlistas, suppunhamos que fazem fogo sobre navios de uma nação estrangeira, ou que as suas tripulações são tomadas e apresionadas pelos carlistas, por uma violação das leis carlistas, a que auctoridade se pôde exigir a reparação? Ao

ignorarmos o modo, será forçoso admitir uma nova criação? loucura, para não dizermos ignorancia. Até a geologia com as suas huminasas investigações nos vem ajudar no descobrimento da verdade biblica, pois tem havido muitas e grandes mudanças no globo terrestre: muito do que hoje é terra, foi mar, e muito do que hoje é mar, foi terra, já porque a violencia dos terremotos e fogos subterraneos levantou grandes massas de ilhas e de montes em umas partes, e tambem as demoliu em outras, já porque o impeto do embate das andas maritimas, rompendo algumas terras sepultas as communicações, que havia por aquella parte a pé enxuto, já porque muitos montões de areia accumulados pelo mar em uns sitios fiseram estender as aguas pelos outros, n'uma palavra, porque outras muitas causas occultas levantam o solo em umas partes, e o rebaixam n'outras.

Todas estas causas provam bem á sociedade que é hoje trabalho inutil e ocioso o querer descobrir o modo como se povoou a America, ou ainda procurar no mappa o sitio por onde passaram os primeiros povoadores, porque estava então a superficie do globo muito differente do que é hoje.

Que contradicção ha pois aqui com o d dogma biblico—de que todo o genero humano teve por progenitores Adão e Eva? nenhuma. *Distingue tempora est concordabis jura.*

E assim no nosso fraco parecer se responde victoriosamente ao argumento em questão dos preadamitas, e se estabelece em toda a sua luz a verdade catholica contra o erro obstinado dos hereges.

FOUR LETTERS

Um pequeno estudo sobre o grande problema historico da povoação da America

POR

A. M.

[Conclusão]

Mas sendo certo, que a America estava povoada muito tempo antes da invenção da agulha de marear, colligem por consequencia, que os seus habitadores não são descendentes dos do nosso continente, e que por tanto não devem a sua primeira origem a Adão e a Eva mas a outros progenitores que Deus creou n'aquelles vastos paizes.

E' a esta duvida, que toca tão de perto com um dos primeiros dogmas da nossa Santa Religião, que nós passamos a responder do modo mais satisfactorio, mostrando como se podia povoar aquelle continente, sem ser mister recorrer a outro tronco do genero humano, qual o nós reconhecemos em Adão e Eva.

Ao argumento dos hereges preadamitas pôde responder-se de tres maneiras por conjecturas muito bem fundadas.

Primeira. Podia succeder que os antiquissimos povoadores da America passassem d'este para aquelle continente não com designio formado, pois que ignoravam a existencia d'aquellas vastas regiões, mas sim arrebatados por alguma tempestade, que os arrojasse aquellas praias, quando o seu intento era só navegar á vista da terra, segundo a limitação dos

governo de D. Affonso não, porque elle não tem alçada na parte da Hispanha onde reina D. Carlos; ao governo de D. Carlos também não, porque não está reconhecida oficialmente a sua existência. (1)

Póde-se dizer que D. Carlos, querendo, obrigaria um reconhecimento enviando cruzeiros para o alto mar; porém D. Carlos reclama o throno e deseja ser rei de todos os hispanhoes; não póde portanto fazer a guerra ao commercio dos seus proprios subditos.

O commercio de toda a fronteira franceza está nas mãos dos carlistas, assim como todos os pequenos portos da Costa Cantabrica estão mais ou menos sob o seu dominio; não se póde pois dizer que o commercio da Gran-Bretanha e da França não é actualmente affectado de um modo importante. Foi já notificado o governo de Madrid que qualquer tentativa de bloquear a costa carlista podia produzir o reconhecimento dos carlistas; e é ainda da maior necessidade tratar-se do seu reconhecimento, quando é certo que o importante porto de Bilbao, como os portos adjacentes estão bloqueados pelos carlistas, e está completamente interrompido todo o grande commercio da Gran-Bretanha e da França com aquella parte da Hispanha, assim como um grande numero de navios, exclusivamente occupados n'aquelle commercio permanecem immoveis encerrados nas suas docas.

A politica das grandes Potencia tem sido reconhecer um governo como provisório, quando provisoriamente estabelecido, e permanente quando estabelecido permanentemente, e a questão do reconhecimento deve ser regulada pela consideração do facto segundo se vê que de um ou de outro modo n'um paiz se estabelece uma

fôrma de governo. Devemos olhar a questão dos direitos de belligerancia das forças contendoras em uma guerra civil como a de Hispanha, quando essas forças se medem sem desigualdade. Quando um movimento como o de Hispanha assume tão firme e consistente as proporções d'um triunfo mais possível, adquire os titulos da belligerancia, e torna evidentes os direitos que a lei das nações garante a partidos iguaes em uma guerra civil. A guerra em Hispanha quebrou desde ha muito tempo os leames sociaes e pelo menos suspendeu a sua força e effeitos, e dividiu a nação em dois partidos independentes, que se olham como inimigos, e não aceitam uma auctoridade commum; por conseguinte no interesse das relações internacionaes torna-se necessaria a declaração simultanea da belligerancia de ambos os partidos. Não será ainda occasião?

O Governo inglez funda a sua dificuldade nos precedentes estabelecidos, não tendo concedido os direitos de belligerancia aos dois partidos na occasião em que a Grecia se revoltou contra a Turquia, quando era fóra de duvida uma guerra de insurreição. N'essa occasião e ministro inglez, o sr. Canning, uma das primeiras autoridades em taes assumptos, respondeu ás instancias do governo turco: «O caracter de belligerancia não é tanto um principio, como um facto. Uma certa reunião de força e estabilidade, adquiridas por uma massa de povo em armas, dá a esse povo o direito de ser tratado como belligerante... A humanidade exige que a lucta... se deva empenhar dentro dos limites regulares de uma guerra civilizada.»

Bernardino J. de Senna Freitas.

REVISTA ESTRANGEIRA

Tolosa, 6 d'outubro.

S. M. a rainha Margarida de Bourbon, regressou a Iurrita, ao fim d'uma curta ausencia, e acha-se no meio de nós esta familia real, objecto do amor e das esperanças dos bons hispanhoes.

S. A. R. o duque de Parma, coronel de cavallaria, chegou também hoje a Tolosa, vindo de assistir a uma tocante reunião de familia que teve lugar em Trohsdorff, no dia 29, por occasião do 55.º anniversario natalicio do filho da Europa. O augusto neto de Henrique V dirige-se ao quartel real, onde o rei Carlos VII terá o praser de escutar dos seus labios novas de seu real thio.

Depois da derrota soffrida no dia 28 de setembro o inimigo não se atreve a mover-se. Os miqueletes, os primeiros no ataque do dia 28, recusam-se obstinadamente a tentar uma nova aventura. Preferem ir procurar n'outra parte um repouso provisório. Mau grado as exhortações dos chefes, alguns passaram a fronteira, e acham-se actualmente em França; mais cinco apresentaram-se ás forças carlistas de San Marcos.

O batalhão de Luchana declarou-se em completa insubordinação. O coronel, depois de ter feito formar os seus homens, baldadamente os excitou, n'uma pomposa harença, a tomarem prompta desforra da sua derrota. Elles pedem em altos gritos para irem operar em outra parte, accusando altamente a incapacidade do ridiculo Trillo, em companhia do qual se recusam a marchar a uma segunda derrota.

No campo affonsista todos a uma voz condemnam a impericia do general Trillo.

Os liberaes de S. Sebastião vêm-se sobremodo desesperados. A artilheria carlista continúa a faser-lhes seguir o regime de fortes commoções, a que o brigadeiro Rodrigues resolveu submitter, sem tregoa nem descanso, a cidade rebelde.

Em a noite d'hontem recomeçou vivamente, a habilidade dos nossos artilheiros é, realmente maravilhosa. Se continúa assim, á parte a guarnição, que também terá a sua hora, dentro em pouco não haverá viva alma em S. Sebastião, porque os habitantes se retiram incrivelmente espavoridos.

Para ganhar opinião os affonsistas faser circular o boato de que Loma chega com reforços e substituirá o inepto Trillo.

Mas tudo isso não passa de rumor, e realisa-se elle, que os carlistas nenhum receio têm por esse lado.

O proprio Loma não terá ainda esquecido o sanguinolento revez de Ornieta, e se elle vem agora tirar o desforço não

encontrará seguramente mais do que a segunda edição da primeira derrota.

Os acontecimentos d'Andaluzia são aqui também objecto de grandes commentarios. O movimento cantonalista não está suffocado como dão a entender os despachos affonsistas. Pelo contrario parece que o movimento ganha terreno e que o governo de Madrid vai ser obrigado a enviar contra os intransigentes forças importantes. Acrescenta a isso a conspiração militar e anti-dinastica que recentemente foi descoberta em Madrid, o exilio ou prisão dos mesmos generaes que tinham derrubado o throno de Izabel, e comprehendereis o quanto está gravemente ameaçado o throno do joven Affonso.

Os catholicos de todos os paizes, que nos sustentam na grande lucia empenhada contra a revolução e a influencia protestante, devem redobrar d'esforços em nosso favor n'este momento critico e talvez decisivo. Por sua parte podem estar convencidos de que o rei Carlos VII, perfeitamente ao corrente da situação, não perderá occasião alguma de faser reverter a divisão de seus inimigos no maior bem para a monarchia christã e legitima.

Ha também uma classe de infelises que D. Carlos recomenda particularmente aos realistas franceses para premunirem contra as traças de toda a especie que os liberaes, auxiliados por traidores, lhes armam; queremos fallar dos internados.

Por informações seguras sabemos que com ajuda de odiosas mentiras, d'um pretenso interesse, e por meio de corrupção pecuniaria, Cabrera e seus agentes se esforçam afanosamente, á vista das auctoridades e com o seu consentimento ao menos tacito, em seduzir os nossos infelises irmãos d'armas que uma contrariedade arrojou a terra estrangeira. O rei Carlos VII considera como serviço pessoal todo quanto fór feito a essa classe d'infelises.

Abri-lhes os olhos, faser-lhes conhecer a verdadeira situação do partido carlista permuñil-os contra os tramas armados á sua ignorancia dos factos da guerra: tal é o primeiro dever dos realistas. Ha também outros urgentes que elles comprehendem também como nós, e o rei Carlos VII está convencido que elles não faltaram.

J. B.

—Estella 7.—Ante-hontem saíram de Miranda para Talalla 4 batalhões, 4 esquadrões e alguma artilheria.

Hontem 2 batalhões, 1 esquadrão e 4 peças apresentaram-se nas Conchas, sendo rechaçados pelas nossas avasçadas, perdendo tres mortos, entre elles dois officiaes e varios feridos.

Bayona 8.—O bombardeamento de S. Sebastião recomeçou ante-hontem. Parece ter porora causado pouco damno.

Os carlistas continuam a construir trincheiras ao redor da praça, e os habitantes d'esta proseguem nos trabalhos de defesa.

No dia 7 chegou a S. Sebastião um corpo de 1:000 homens. Esperam-se mais reforços.

Hontem de manhã chegaram a Santander quatro batalhões, assim como duas baterias Krupp.

Pau 7.—Um grupo de 57 carlistas, entrou em França com armas e vagagens, por Aragonet. Foram desarmados e internados.

Diz-se que o general d'artilheria Beriz será nomeado por D. Carlos, ministro da guerra para substituir Elio que sahio em commissão.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

Direcção geral de instrucção publica

Por despachos de 13 do corrente:

2.ª REPARTIÇÃO

André Diogo Martins Pamplona Côte Real, professor de latim e latinidade no liceo nacional de Ponta Delgada—auctorizado a estar ausente do serviço publico por mais sessenta dias, sem vencimento.

Deve pagar na recebedoria respectiva o emolumento de 4\$500 reis.

3.ª REPARTIÇÃO

Ignacio (padre) Ferreira Borges—exonerado do logar de professor temporario da cadeira de ensino primario do Bar-

reiro, no logar de Arenosa, concelho de Tondella, para que havia sido nomeado por despacho de 28 de maio de 1873, por haver assignado termo de desistencia da referida cadeira perante o respectivo administrador de concelho.

José Rodrigues, professor da cadeira de Casal da Cinza, concelho da Guarda—auctorizado a estar ausente do magisterio pelo espaço de dois mezes, sem vencimento.

Deve pagar na recebedoria respectiva o emolumento de 4\$500 rs.

Amelia das Dores Marreiros Palma, professora da escola de meninas da villa de Almodavar—auctorizada a estar ausente do magisterio por sessenta dias, a fim de tratar da sua saude.

Deve pagar na recebedoria respectiva o emolumento de 4\$500 rs.

Joanna Benedicta de Sousa Romeiras Caldeira, professora da escola do Lavradio, concelho do Barreiro—auctorizada a estar ausente do magisterio por noventa dias, a fim de tratar da sua saude.

Deve pagar na recebedoria respectiva o emolumento de 6\$000 rs.

Secretaria d'estado dos negocios do reino, em 13 de outubro de 1875.—Antonio Maria de Amorim.

GAZETILHA

Eleição municipal, em Villa Verde.—Consta que, em Villa Verde, vai ser muito disputada a eleição camarária. A opposição apresenta como candidatos os srs. Miguel de Mello Pereira Pinto, Albano Teixeira Leite, Domingos José de Carvalho Veras, Luiz Antonio Tinoco, Francisco Xavier Peixoto, Antonio Feliz de Sousa Barbosa e João José da Lomba Jorge.

Por parte da situação são candidatos: Antonio de Mendanha Arriscado, Antonio de Campos d'Azevedo Soares, Domingos José Pereira Vitella, José Joaquim Antunes da Costa Lobo, Manoel José de Sousa Ribeiro, João da Silva Bacelar e Manoel de Jesus d'Araujo Rocha.

Fallecimentos.—Falleceu no sabado, e foi no domingo dado á sepultura o sr. padre José Borges, d'esta cidade.

—Na freguezia de Freiriz falleceu o sr. Domingos José Rodrigues, professor d'instrucção primaria em Moure. A sua morte foi muito sentida, porque o finado era um cidadão prestante e possuia uma illustração infelizmente pouco vulgar entre os da sua classe.

Consumo.—Lisboa, no anno economico de 1874 1875 consumiu 10.801.786 kilogrammas de carne de vacca: mais 652.035 que no anno anterior.

Louvamos.—O ill.^{mo} sr. Joaquim Leal, que ultimamente abriu o seu estabelecimento de fazendas, na rua do Souto, resolveu não vender aos domingos e dias sanctificados.

E' digno de louvor, e de ser imitada, a resolução do sr. Leal.

O catholicismo na Italia.—A Igreja em Italia, segundo diz o «Jornal da Noite» consta actualmente de 150:909 pessoas consagradas ao culto catholico.

D'estas 119:464 pertencem ao sexo masculino e 31:445 são freiras. Emquanto os sacerdotes, nas suas diversas gerarchias, sommam 95:651; as freiras e frades não passam de 11:055.

A cidade que conta maior numero de religiosos é Napoles. Segue-se a esta cidade Roma, que tem 5:609 pessoas consagradas á igreja, das quaes são freiras e frades 1:755; Palermo, Florença, Turim, Milão e Genova.

Não obstante estar em vigor em Italia a liberdade de cultos, ha só 72 pastores protestantes, e 33 russos e turcos. Os judeus, numerosissimos ha seculos em Roma, Liorna, Turim, Veneza e Milão, contam 106 rabinos.

Do «Apostolo».—Não temos recebido a valente jornal do Rio de Janeiro, «O Apostolo».

O nosso jornal tem sido regularmente enviado áquelle nosso distinctissimo collega; porisso pedimos as necessarias providencias.

Differentes especies de amor.—Dizia um filosofo:—O amor conjugal é o mais frio. O desinteressado, o mais raro. O violento, o menos duradouro. O tranquillo, o menos falso. O amor proprio, o mais necessario. O poetico, o mais duvidoso. O amor ao luxo, o mais irresistivel. O amor de irmã, o menos exposto. O amor verdadeiro, o mais in-

(1) Em toda a fronteira do meio dia da França, como em toda a França, são exigidos passaportes aos viajantes, tomando a auctoridade medidas de rigor contra aquellos que não tem esse documento. O subdito hispanhol ou de qualquer outra nação, que sae do Norte de Hispanha, onde domina o sr. D. Carlos na quasi totalidade d'aquella provincia, não póde dirigir-se aos pontos em que se acham os representantes estrangeiros, nem obter das auctoridades do governo de Madrid o seu passaporte. Pede portanto este documento ás auctoridades carlistas, nomeadas pelo governo do sr. Carlos e em nome de Sua Magestade. Estes passaportes são apresentados em França ás auctoridades respectivas, e é-lhes reconhecida a auctoridade d'onde dimanam. Como se reconheceu pois de facto a auctoridade do governo do sr. D. Carlos, e não se reconhece de direito nem a sua auctoridade moral nem a belligerancia do seu exercito?

O que diriam as potencias cujos subditos, sendo portadores de passaportes carlistas, fossem pela invalidade d'elles sujeitos ás penas e vexames o que dá causa em França a falta de passaporte? Allegar-se-hia ser o facto uma contravenção punivel? Allegar-se-hia a legitimidade do documento para se reclamar a liberdade do processado? Ou se faria dos regulamentos policiaes francezes letra morta para se não exigir na fronteira o passaporte aos viajantes procedentes de Hispanha, ou as potencias tem de reconhecer a auctoridade carlista nos documentos por ella legislados.

Em Portugal dá-se a mesma contradicção absurda aceitando-se como validos os documentos passados pelas auctoridades carlistas aos navios precedentes dos portos da Costa Cantabrica e da do Mediterraneo, onde domina o sr. D. Carlos. E' perante as auctoridades carlistas que são feitas pelos nossos consules todas as reclamações officiaes nas povoações occupadas pelo exercito carlista; reclamações, que estão á responsabilidade do nosso governo carlista, e em conformidade com as leis carlistas, o que importa o seu reconhecimento de facto.

Não é pequena a exportação dos productos de Portugal para a costa do Mediterraneo. Supponhamos, pois, que é feita pelos carlistas por seus portos uma apprehensão illegitima ou uma violencia intoleraavel, a quem ha de recorrer o governo portuguez? Ao governo de Madrid que é irresponsavel pelos actos do governo carlista, de certo que não. Ao governo do sr. D. Carlos que o governo portuguez não reconhece? Também não. Logo: terá o nosso governo de deixar ao abandono os direitos dos subditos portuguezes, embora calque aos pés o direito e as relações internacionaes.

Senna Freitas.

comprehensível. O amor de mãe, o mais firme.

Defeitos de nações. — Um antigo diplomata fez a seguinte classificação dos principaes paizes da Europa. O caracter da Hispanha é a soberba. Da França a cubica. Da Italia a mentira. Da Alemanha a gula. Da Inglaterra a inconstancia. Da Polonia a simplicidade. Da Russia a astucia. Da Suecia a deshumanidade. Faltam ainda alguns paizes que mereciam ser classificados. A Portugal caberá a indolencia meridional? — *(Conimbricense)*.

Missas novas. — Teve lugar no domingo, 10 do corrente, no magnifico templo do Bom Jesus do Monte, uma grandiosa festividade, cantando missa nova o rev.^o Manoel Joaquim da Costa Machado Vilella, de Villa Verde.

Foi esta funcção ordenada e feita pelo sr. José Joaquim da Costa honrado e rico negociante do Porto, thio do novo levita, que viera a Braga expressamente para assistir á 1.^a missa de seu sobrinho.

A festividade foi brilhante e pomposa no templo: acolitaram o celebrante um seu irmão, o rev.^o José Antonio da Costa Machado Vilella, e o digno abade de Ruilhe.

Orou o rev.^o Constantino Ferreira de Almeida, academico do 4.^o anno juridico. Foram mestres de ceremonias os rev.^{os} abbades de Soutello e de Cabanellas.

Depois da exposição, em que uma escolhida capella de musica desempenhou magistralmente o *Tantum ergo*, seguiu-se a missa nova, em que o novo levita mostrou a sua completa habilitação para a celebração do santo sacrificio, transparecendo em todas as ceremonias a sua unção e devoção. Ao lavabo foram ministrantes o pae e o thio do celebrante, notando-se nos olhos d'ambos grossas lagrimas de alegria.

O sermão foi elevado, cheio de purissima doutrina, exposta com eloquencia, elevação e clareza, na verdade não esperada em orador tão novo, mas correspondentes do talento e grande illustração do sr. padre Constantino Ferreira d'Almeida.

Na Alameda do templo tocaram duas bandas de musica.

Seguiu-se um magnifico banquete, no hotel da Boavista, em que tomaram parte mais de 70 convidados. Entre estes vimos os srs. visconde de Margaride e da Torre, barão de Joanne, administradores de Braga, Pizarro, e de Villa Verde, Padua, deputado Alves Passos, drs. Sepulveda, Ribeiro e Lima, directores do Banco do Minho, Ferreira, Francisco Casimiro e Simões, banqueiro Aires de Gouveia do Porto, academicos Cruz Teixeira, Malheiro, Constantino, José Vilella, e João Vilella, lentes do Seminario Dias e Guimarães, abbades de Soutello, de Cunha, de Ruilhe, e de Doçãos, arcepreste de Villa Verde, coronel Amorim, e muitos outros cavalheiros, que seria longo referir.

O sr. José Joaquim da Costa, thio do levita, e o sr. Manoel José Machado Vilella, pae, fizeram as honras do magnifico banquete, captivando todos os seus convidados. Em ambos era visivel a alegria que lhes trasbordava o coração, n'um pela honra de ser progenitor do digno sacerdote, n'outro pela consciencia certa de haver praticado com o novo levita ações de um cavalheiro completo e carinhoso thio.

Na verdade, o sr. José Joaquim da Costa, gastando largamente o seu dinheiro, adquirido pelo trabalho honrado, em favor de seus sobrinhos, mostra um coração nobre, uma alma elevada. Pela sua protecção estão elevados ao sacerdocio os srs. Manoel Vilella e José Vilella, e frequentam a Universidade, este no 4.^o anno juridico, e João Vilella no 1.^o anno medico: á faculdade de theologia se destinam o novo levita, Manoel Vilella, que este anno frequenta introdução no liceu de Braga para concluir os seus preparatorios.

Com verdadeira admiração e respeito pelas nobilissimas qualidades do thio, e estima e amizade pelo sobrinho e seu honrado pae, e familia, a todos enviamos sinceros parabens. — *(Regeneração)*.

Seminario episcopal do Porto. — Teve lugar no ultimo domingo, 10 do corrente, no seminario episcopal, a cerimonia da abertura das aulas, que se verificou, não diremos com grande pompa, mas com aquelle esplendor que dá a certos actos a gravidade, magestade e solemnidade a elles inherentes, quando se fazem como devem fazer-se.

Por cerca das 10 e meia horas da manhã principiou a missa do Espirito Santo, celebrada pelo rev.^{mo} sr. vice-reitor, Almeida e Cruz, e acolytado por dous seminaristas. Estava presente o exm.^o Prelado; assistiam-lhe ao solio episcopal os rev.^{mos} Conegos Philippe Coelho e Alves Mendes, e acompanhava-o tambem o rev.^{mo} mestre de ceremonias da ex.^{ma} Mitra, Benedicto Carvalho.

A missa era cerimonia por este e rev.^{mo} Assumpção Borges, prefeito do seminario.

As primeiras ordens de bancos da capella-mór eram occupadas pelo exc.^{mo} e rev.^{mo} Cabido da Sé Cathedral, corpo docente do seminario, exc.^{mos} e rev.^{mos} srs. dr. Torquato, Vigario geral, e dr. Correia da Silva, secretario do Prelado, rev.^{mos} Padres Mesquita, escrivão da camara ecclesiastica; Moreira Pinto, contador do auditorio; rev.^{mos} Parochos da cidade e bastantes de fóra, e crescido numero de ecclesiasticos.

Nas outras ordens do bancos achavam-se os seminaristas e alguns ecclesiasticos que não couberam nas primeiras.

No espaço que estava de permeio sentavam-se os exc.^{mos} srs. coucelheiros Freitas Branco, director dos negocios ecclesiasticos e de justiça; José Ferreira dos Santos Silva, barão de Ferreira dos Santos, irmão do ex.^{mo} Prelado; Munhoz, commandante da guarda municipal; Thadeu Furtado, secretario da Academia das Bellas Artes; Thomaz Alves Guimarães prior da ordem terceira do Carmo; Carvalho Motta e Luiz de Mello, escrivães do juizo ecclesiastico.

Fóra da capella-mór achavam-se outras pessoas distinctas, muitas senhoras, e grande numero de fieis.

Terminada a missa todas estas pessoas foram tomar lugar na vasta sala do novo refeitorio, e logo após entrou o Prelado que presidiu á sessão, tendo á esquerda o rev.^{mo} sr. Vigario geral, e á direita o rev.^{mo} sr. dr. Alvares de Moura Provisor do bispado.

S. exc.^a rev.^{ma} deu logo a palavra ao rev.^{mo} sr. dr. José Cardoso Correia Monteiro, professor de moral e de sacramentos, o qual fez o discurso de *sapientia*. S. exc.^a pronunciou uma brilhante oração, repassada d'unção religiosa, sempre matizada de elevados conceitos, e por vezes singela, por veses sublime na phrase, tendo pendente de seus labios pelo espaço de cerca de tres quartos de d'ora tão selecto auditorio.

Começou o sr. dr. Monteiro por falar da dignidade do sacerdote e da grandeza de sua missão na terra: d'ahi deduziu a necessidade que havia de que o sacerdote fosse virtuoso e instruido, e começasse o exercicio de seu ministerio pela edificação do exemplo para passar depois á pregação pela palavra, á similhaça do Divino Mestre, que *coegit facere et docere*.

No correr de seu discurso aproveitou s. exc.^a a occasião de lamentar amargamente a occasião tão vulgar na bocca de de certa gente, que está de continuo vociferando contra a ignorancia do Clero. O orador em termos muito comedidos, mas claros e frisantes, notou a falta logica dos que assim dizem e pensam, mostrando que pelo facto de ser em alguns Clerigos minguada a instrução, não se podia d'aqui generalisar a accusação a toda a classe á luz da historia e dos factos.

Depois fez ver os serviços que a sciencia devia em todos os tempos ao sacerdocio catholico, depois que elle existe, S. exc.^a proseguiu um pouco n'este assumpto mostrando que a classe sacerdotal se distinguiu sempre como classe instruida em todos os ramos do humano saber.

O sr. Cardoso Monteiro foi no fim da sessão cumprimentado por seus dignos collegas e por todas as pessoas mais distinctas que se achavam presentes.

Em seguida o sr. D. Américo declarou abertas as aulas do seu seminario, começando por tecer elogios ao discurso do orador prece-dente, e dizendo que esse discurso bastaria de per si só para engrandecer-lhe reputação literaria, se elle a não tivesse d'ha muinto adquirido pelas muitas provas d'aptidão que tem dado.

Disse depois o ex.^{mo} Prelado que se achavam realizados os seus desejos em ver ao alim radicalmente reformada e augmentada aquella casa de educação ecclesiastica, desejos cuja consecução tivera sempre mais que tudo a peito desde que tomara posse do governo espiritual da diocese; e que d'ora avante se recolheriam ao seminario, pelo menos durante o curso triennial de theologia, todos os candi-

datos ao sacerdocio, afim de conservarem e afervorarem sua vocação, e se prepararem com verdadeiro espirito ecclesiastico para o ministerio sacerdotal. Deu a este respeito paternaes conselhos aos seminaristas, e fez-lhes reflexões que edificaram e commoveram o auditorio.

S. ex.^a deu um testemunho solemne de agradecimento ao governo de Sua Magestade pelo apoio e coadjuvação que do melhor grado lhe tem sempre prestado nos grandes melhoramentos materias que ha feito no seminario.

Agradeceu tambem a coadjuvação prestada nos mesmos melhoramentos materias por duas pessoas que não nomeou; e os conselhos que d'uma outra recebeu no respeitante a reformas e melhoramentos moraes e meios de os conseguir. Conjecturaram com fundamento muitos dos ouvintes que s. exc.^a alludia aos exc.^{mos} srs. conselheiro Freitas Branco, José Ferreira dos Santos Silva, e Conego Alves de Moura ou Conego Vasconcellos Correia, ex-governador do bispado.

O sr. Bispo declarou que não individualisava ninguem para não violentar recatadas modestias.

A festa terminou, agradecendo s. exc.^a rev.^{ma} a todas as pessoas presentes a sua assistencia a ella.

Procedeu-se em seguida á distribuição dos premios.

SUBSCRIÇÃO

Acha-se aberta uma subscrição para socorrer uma familia honesta, composta de duas senhoras, que, tendo vivido na abundancia, se acham agora, pela contingencia da sorte, reduzidas a extrema miseria.

Implora-se a caridade publica para adogar a penosa situação d'aquellas infelizes.

Os donativos podem ser entregues no escriptorio da administração d'este jornal, rua Nova, n.º 3.

N'esta redacção se acham á venda photographias do Senhor D. Miguel, chegados recentemente da Alemanha.

PREÇOS

**As pequenas 100 réis.
As maiores 300 réis.**

SECÇÃO DE COMUNICADOS

Os valetes de copas

Não pensem os leitores que vou fazer o elogio do romance de *Pousson du Terrail*, nem tão pouco uma critica a esse trabalho engenhoso, que forneceu materia para centenas de folhetins. Nada d'isso; quiz dar conhecimento ao leitores d'uma outra associação que não é menos temivel que a do tal romancista, porque se aquella roubava a fortuna das familias, esta depreciava a honra alheia.

Esta associação denomina-se em certa freguezia rural a associação dos *valetes de copas*. Compõem-se de meia duzia de tarufos, incluindo um *garrafão*, curandeiro e feitor de cataplasmas; um *Borda d'agoo* mais inchado do que um folle; um *Zé* de suissa vermelha; d'um... *capellão*.

O caso é que a tal sociedade já botou jornal e veio ralhar contra o regedor porque prendeu um sucio d'eles *valetes* por ser desordeiro, e por o soltar compadecendo-se do pobre que chorava lagrimas de vinho.

O *Jornal do Minho*—o jornal dos *Raques* e dos *taes* foi o escolhido e adoptado pelos mentecaptos de tal freguezia. Espero ansioso por mais alguns dislates, por não dizer sandices, que o *Jornal do Minho* que recebe toda a qualidade de lixo, hade porventura dar á luz.

Recommendo ao correspondente dos *folles* que tenha muito animo; que não chore os dezoito tostões e vinte e cinco do rateio da festa de 15 de agosto, e que pague. Ao *cataplasma* que não entorne os potes do unguento por andar sempre ás *cegas*; ao *Zé* que vá fazer uma caçada de pintaroxos, e que quando se recolher, assobie bem a «*Marselhesa*».

Ao *capellão*, a esse que recommendarei eu?

Ah, sim, que rese um responso por aquella criança que elle quiz fazer acreditar que morreu esganada pela mãe, e que os medicos declararam ter fallecido de morte natural.

Cautella com os *valetes de copas*. São diffamadores por officio.

Quem os não conhece...

Zapiro.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Um homem só deseja encontrar nas proximidades da cidade, em casa de familia, um commodo decente e mesa. As informaçoes recebem-se em casa dos srs. Almeida & Pereira, largo do Barão de S. Martinho, n.º 18. (2750)

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Freitas se annuncia que no dia 31 do corrente á porta do tribunal judicial d'esta mesma, se tem de arrematar o campo chamado da Bonça da Vinha, sito no logar dos Campos, da freguezia da Loureira, da comarca de Villa Verde, o qual é de terra lavradia com arvores avidadas, oliveiras, matto e carvalhos, e de natureza alludial, acha-se avaliado com o abatimento do uso fructo em 177\$500 rs. cujo referido campo é arrematado por força de execução que move Luiz Gonçalves Loureiro, da freguezia da Loureira como sessionario de Antonio Sebastião Soares, da freguezia de Palmeira a José de Araujo Azevedo Vasconcellos, viuvo, da dita freguezia da Loureira.

O solicitador,

(2751) Paulino Evaristo da Rocha.

NOVO ESTABELECIMENTO

Joaquim Leal participa ao respeitavel publico e particularmente aos seus amigos que acaba d'abrir o seu estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, na rua do Souto, n.º 39.

Abster-se-ha de vender nos domingos e dias santificados. (2754)

ATTENÇÃO

Francisco Antonio José Vieira participa ao publico que dissolveu a sociedade que tinha com seu sogro Francisco José Dias, á esquina da rua de S. Marcos, (Largo dos Remedios) e acha-se actualmente com officio estabelecida na rua de S. Marcos, n.º 44. Faz toda a obra tanto para ecclesiastico, como para secular, tudo com o maior esmero possivel, e por preços rasoaveis.

Roga pois aos amigos e conhecidos o coadjuvem com seus favores. (2753)

CERTIDÃO

José Firmino da Costa Freitas, escrivão do Tribunal do commercio de primeira instancia n'esta cidade de Braga e seu districto por Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz, que Deus guarde, etc.

Certifico que no processo de fallencia de Sebastião Ramos Barros Pereira, negociante que foi n'esta cidade, preferiu o Tribunal a seguinte

SENTENÇA

O Tribunal commercial attendendo á prova que se acaba de fazer, e em que se mostra a procedencia do allegado na petição folhas duas, cuja materia se tenha como reproduzida n'este logar, declara em estado de quebra, a contar do dia seis de Setembro, a Sebastião Ramos Barros Pereira, hoje a seus herdeiros, ou representantes, ordenando que se ponham os sellos em todos os objectos e bens que lhe forem encontrados, nos termos do disposto nos artigos 1124, 1126, e seguintes do Co-

